

O Movimento Modernista Verde, de Cataguases — MG

Rivânia Maria Trotta Sant'Ana

Resumo

Este trabalho faz um estudo de um movimento literário modernista, conhecido como Movimento Verde, criado em 1927 por um grupo de escritores muito jovens, em Cataguases, cidade da zona da mata mineira. Durante o movimento, esses jovens escritores criaram também uma revista literária e uma editora, ambas também denominadas Verde.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Modernismo. Movimento Modernista Verde.

No início do século XX, mais exatamente em 1927, surgiu, em uma cidade da zona da mata mineira, um movimento literário que alcançou grande projeção no cenário da primeira fase modernista: o movimento ficou conhecido pelo nome Verde; a cidade era Cataguases que, talvez não por acaso, continuou a gerar muitos escritores. Criado por um grupo de nove rapazes entre 17 e 28 anos — Rosário Fusco, Francisco Ignácio Peixoto, Ascânio Lopes, Guilhermino César, Camillo Soares, Christóphoro Fonte-Bôa, Oswald Abritta, Martins Mendes e Henrique de Resende —, o movimento resultou no lançamento de uma "Revista de Arte e Cultura", a revista *Verde*, e na criação de uma editora, também denominada Verde.

A revista contou, desde o primeiro número, com a colaboração de escritores já conhecidos na época, tais como Carlos Drummond, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Emílio Moura, Pedro Nava, Couto de Barros, Abgard Renault, Yan de Almeida Prado, Murilo Mendes, Sérgio Milliet, Ribeiro Couto, Marques Rebelo, entre outros. É possível que a visibilidade alcançada pelo movimento e sua revista tenha sido, no primeiro momento, resultado do apoio que receberam dos escritores modernistas do Rio, de São Paulo e de Belo Horizonte. E esse apoio teve, naquele momento, mais relação com a audácia dos "meninos de Cataguases" do que com a qualidade de suas primeiras manifestações literárias, conforme afirma Moran (1992). Porém, é preciso esclarecer que aqueles jovens (deste ponto em diante, os Verdes) tinham talento e fizeram, em seus textos, experiências lingüísticas bastante inovadoras, que foram bem consideradas inclusive por Mário de Andrade, conforme percebemos em seu texto, originalmente publicado na revista *Verde*:

Porém o que o mundo não viu e podia ver é que também o escritor paulista andou muito estudando os criadores de "Verde". Catou neles os boleios sintéticos e as vozes populares que essa rapaziada foi a primeira a registrar, e quando ocasião chegou, andou tudo empregando nos escritos dele. (VERDE, mai. 1929, p. 23)

A partir de nossas pesquisas, pudemos perceber que, apesar de pequena, a cidade de Cataguases, na década de vinte do século passado, apresentava algumas condições muito propícias ao surgimento do Movimento Modernista Verde. Entre essas condições, talvez a mais importante, está a presença de um grupo de jovens que fez parte daquilo que Humberto Werneck (1988, p.p. 184) chama de "geração literária articulada", que atribuía à literatura — na verdade, à escrita, de uma forma geral — um sentido de missão. Conforme depoimento de Guilhermino César (1977 *apud* ROMANELLI, 1981, p. 218), um dos Verdes, eles tinham uma fé absoluta na literatura e acreditavam que a revista produzida por eles poderia convencer a todos de que era necessário esquecer a tradição literária e escrever de forma renovadora. Para isso, eles estabeleceram, através de cartas, um extenso diálogo com um grande número de escritores modernistas nacionais e alguns estrangeiros. Esse diálogo resultou num considerável intercâmbio de idéias que fica evidente nas páginas da revista que criaram. Fica evidente também que eles buscavam o intercâmbio de idéias para ir construindo, com a própria atividade literária e a reflexão sobre ela, os rumos que deveriam tomar e os contornos, ainda pouco definidos, da arte nova, nacional, que almejavam.

Ao analisarmos a produção literária, crítica e teórica desses autores, verificamos que, ao lado daqueles textos que são meros exercícios de escrita, encontramos textos bem elaborados, que apresentam, de fato, renovação lingüística e temática e que revelam terem aqueles jovens levado a literatura a sério, mesmo quando faziam os seus poemas-piada. Foi possível constatar também que eles tinham consciência da dependência cultural estrangeira que se vivia, então, no Brasil, e que lutavam contra ela, visando ao nacionalismo, através da busca de compreensão da realidade brasileira: das suas tradições sociais, das condições socioeconômicas do povo e do atraso cultural, principalmente nas pequenas cidades do interior mineiro, um cenário entre o rural e o urbano. Nesse sentido, eles desenvolveram um sentimento de mineiridade, que está presente em algumas de suas falas e também em seus poemas que retratam situações típicas da Cataguases de então: a fazenda do avô, as festas do interior, os homens trabalhando na construção das estradas de rodagem ou na pedreira, os bairros da cidade... Alguns desses poemas apresentam crítica veemente da sociedade interiorana e de seus costumes; outros fazem uma revisão da história do Brasil, abordando temas como o descobrimento, a colonização, o encontro das raças e o encontro entre personagens históricas e míticas. Para Kátia Romanelli (1981, p. 222) a *Verde* antecipa o regionalismo que se desenvolveu a partir da década de trinta. De fato, embora os Verdes tivessem receio de um certo regionalismo praticado até então, ufanista e caricatural, com ênfase no exótico, é possível dizer que, ao colocarem em foco o aspecto social da realidade retratada, eles realizaram, sem o desejarem, uma espécie de regionalismo precursor daquele que seria desenvolvido na década de trinta do século XX.

Os Verdes tinham também consciência do processo de desenvolvimento físico e emocional pelo qual passavam, descrevendo-o em seus poemas, o que resultou em outro aspecto do nacionalismo desenvolvido pelo movimento, por mais paradoxal que possa parecer: a presença de um lirismo marcado, às vezes, pelo sentimentalismo. Embora proponham o "objetivismo", que entendemos como uma atitude que se opõe ao subjetivismo legado pelos românticos, grande parte dos poemas dos Verdes trai essa proposta, uma vez que esses apresentam tom intimista, melancólico, ao tratarem de temas como a infância e os motivos relacionados a ela, como: a escola, a lembrança da família reunida e da casa da família, o primeiro amor, a solidão e a

tristeza pela perda da mãe ou de outro ser amado, enfim, motivos sempre associados à imagem da noite, do sonho, do devaneio.

Na sua compreensão do Modernismo brasileiro, que ajudaram a desenvolver, os Verdes consideravam a liberdade de expressão, que incluía a liberdade formal, o legado mais importante do movimento, sem o qual a literatura brasileira não teria amadurecido. A partir dessa liberdade formal, eles construíram textos bem arrojados para a época, mostrando que compreenderam profundamente a proposta modernista, não apenas reproduzindo-a, como também contribuindo com o movimento, ao elaborarem essa proposta a partir da própria experiência. Por isso, a experiência dos Verdes não foi superficial, tendo sido considerada “vanguarda” verdadeira, em oposição às falsas “vanguardas”, na opinião de Wilson Martins (1967).

O fato é que, apesar da falta de clareza característica daqueles primeiros anos do século XX, os criadores da revista *Verde* consideraram que o moderno era o novo, o nacionalismo e a liberdade de expressão.

Em relação à temática, o novo era, para os Verdes, tudo o que estivesse relacionado ao processo de modernização pelo qual passava, então, o país: a urbanização e tudo o que dissesse respeito a ela, como a iluminação pública, o cinema, as fábricas; a construção das estradas de rodagem; as usinas. No que diz respeito à linguagem literária, o novo se caracterizou pela liberdade de formas e de registro lingüístico; pela narratividade dos poemas; pelas experiências lingüísticas mais radicais de incorporação, pela escrita, de técnicas que lembram o telégrafo, o cinema, a fotografia — técnicas usadas principalmente por Rosário Fusco, Ascânio Lopes e Francisco Ignácio Peixoto; caracterizou-se também por uma postura mais radical que, além de representar, através das vozes dos personagens, a modalidade lingüística das camadas populares, incorporou elementos dessa linguagem no próprio discurso poético.

A despeito da crença corrente de que essa primeira fase modernista teve uma preocupação principalmente estetizante, o que constatamos foi que os Verdes colocaram também como tema de seus textos, de forma recorrente, a questão social, embora a renovação lingüística fosse também preocupação central para eles. Consideramos que é possível dizer que as próprias questões formal e lingüística, pela maneira como foram trabalhadas pelos Verdes, não são meramente questões estéticas, mas apresentam, subjacente, uma preocupação de fundo social. Considerando que a linguagem é elemento central na vida dos homens e que toda mudança social está, de alguma forma, relacionada a mudanças lingüísticas, podemos entender que a busca da representação de uma língua popular, considerada genuinamente brasileira, pode ser entendida como parte importante da preocupação com questões sociais. Chegamos a essa conclusão porque verificamos que os Verdes, assim como alguns dos grandes escritores brasileiros modernistas, não só representavam o falar das pessoas das camadas populares através da fala das personagens, como também assumiam essa forma de falar, ou aspectos dela, dando-lhe destaque e atribuindo-lhe valor. Assim, diferentemente do que havia acontecido até o Realismo e o Naturalismo brasileiros (PRETTI, 1982), a representação da fala das camadas populares não é feita, em parte significativa dos textos modernistas, de forma a exaltar o exotismo da diferença, mas de forma a demonstrar a origem nacional dessa variante lingüística e, conseqüentemente, a sua validade, inclusive enquanto língua literária. Há, portanto, uma dimensão social na busca de caracterização e representação dessa língua nacional. Busca que caracterizou o

Modernismo brasileiro, principalmente na sua primeira fase, e que caracterizou, também, de forma cabal, o movimento modernista de Cataguases.

Peregrino Júnior, em artigo publicado na *Verde* (nº 5, jan. 1928, p. 16), afirma que a revista de Cataguases constituía uma quarta corrente no Modernismo brasileiro, apresentando mais alegria, entusiasmo e vivacidade que a revista *Festa*, e uma grande vantagem sobre esta última: o grupo da *Verde* estava menos ligado a preconceitos partidários. De fato, podemos dizer que os rapazes de Cataguases recuperaram para o movimento modernista brasileiro o entusiasmo dos primeiros anos, mas com uma consciência maior das contradições do período.

Vivendo e atuando no final da década de vinte do século passado, os Verdes se encontravam em um momento privilegiado, em que puderam realizar a síntese dessa primeira fase do Modernismo brasileiro e preparar a transição para as propostas da década de trinta, enxergando não apenas o Brasil mítico da Uiara, da Mãe d'Água, do Saci, como também, e principalmente, o Brasil real, histórico, cotidiano, com suas belezas naturais, mas com sua dependência cultural, seus problemas sociais, seu processo de modernização contraditório, sua religiosidade, sua inocência e sua malícia, seus governantes inaptos. Nesse sentido, os Verdes fogem à tendência primitivista mais radical, comentada por Bosi (1988, p. 114-126), de enxergar principalmente o Brasil mítico.

Valorizaram o negro como elemento formador da nacionalidade, na medida em que representaram, em seus poemas, aspectos da vida e da cultura do negro, escapando de grande parte dos estereótipos atribuídos a ele naquela sociedade brasileira de então.

A partir da pesquisa sobre o Movimento Verde, verificamos que certos equívocos acerca do Modernismo brasileiro têm sido veiculados de forma recorrente. Por causa da dificuldade, ou da impossibilidade, às vezes, de acesso às fontes primárias, e valendo-se do argumento de autoridade, um pesquisador repete o outro e, dessa forma, vamos tecendo um conhecimento cujas bases são, em parte, fictícias. Esse fato, comprovado por nosso trabalho, aponta para a necessidade de novas revisões do movimento modernista, principalmente no que diz respeito ao seu expansionismo da primeira fase.

Além disso, ao tomarmos contato com a obra desses escritores mineiros, que participaram tão ativamente da vida literária brasileira naqueles últimos anos da década de vinte, verificamos que eles produziram trabalhos de qualidade, inclusive na produção posterior à década de vinte, e que suas obras precisam ser resgatadas para integrarem lugar de destaque na nossa literatura. Vislumbramos, portanto, as possibilidades de pesquisa dessas obras, posteriores à década de vinte, dos escritores que integraram o grupo Verde, principalmente daqueles que estiveram no centro do movimento e que continuaram se dedicando a um projeto literário, como Henrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco e Guilhermino César.

Abstract

This work carries out a study of a widely representative modernist movement named Movimento Verde — embodied in a modernist literary magazine and a publishing house, both of them also named Verde — created by a group of writers from Cataguases, Minas Gerais, Brazil, in 1927.

Key words: Brazilian Literature. Modernism. Verde Modernist Movement.

Referências

- ÁVILA, Afonso. *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BOSI, Alfredo. Moderno e Modernista na Literatura Brasileira. In: *Céu e inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988. p. 115.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. p. 109-138.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- CÉSAR, Guilhermino; PEIXOTO, Francisco. *Meia-pataca*. Cataguases: Verde Editora, 1928.
- FUSCO, Rosário. *Fruta de Conde*. Cataguases: Verde Editora, 1929.
- JORNAL CATAGUASES. Cataguases. 1906-1930. Coleção pertencente ao acervo do Museu da Força e da Luz Cataguases-Leopoldina, Cataguases, MG.
- LEITE CRIÓLO. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, n. 1-6, 1929.
- LOPES, Ascânio et. Al. *Poemas cronológicos*. Cataguases: Verde Editora, 1928.
- MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira: modernismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.
- MENDES, Martins. *13 poemas*. Cataguases: Verde Editora, 1929.
- MORAN, Patrícia. *Tangentes da modernidade: o grupo verde de Cataguases — província e cultura nos anos 20*. Dissertação de Mestrado (Comunicação) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.
- PEIXOTO, Francisco. *Chamada Geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- RESENDE, Enrique. *Estórias e Memórias*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1970.
- ROMANELLI, Kátia. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Dissertação de Mestrado (Letras Clássicas e Vernáculas) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- SUPLEMENTO LITERÁRIO. Minas Gerais. Belo Horizonte. Coleção completa do acervo da Biblioteca de Letras da UFMG.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Primeira dentição. São Paulo: _____ . n. 1-10, mai. 1928-fev. 1929.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Segunda dentição. São Paulo: _____ . n. 1-13, mar.-jul. 1929.

VERDE: Revista mensal de arte e cultura. Cataguases: Verde Editora. Ano 1, n. 1-5, set. 1927 - jan. 1928. Edição facsimilar de 1978, patrocinada pela Metal Leve.

VERDE: Revista mensal de arte e cultura. Cataguases: Verde Editora. Ano 1, n. 1, mai. 1929 - jan. 1928. Edição facsimilar de 1978, patrocinada pela Metal Leve.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.